

## I

A república é atravessada, mais ou menos de norte a sul, por duas cadeias de montanhas que formam entre ambas um bom número de vales e de planaltos. Sobranceira a um desses vales, o qual, por sua vez, é dominado por dois vulcões, ergue-se, a uma altura de seis mil pés acima do nível do mar, a cidade de Quauhnahuac. Fica bastante a sul do trópico de Câncer, ou, para falar com mais exactidão, no paralelo 19, quase à mesma latitude a que, a oeste do Pacífico, se encontram as ilhas Revillagigedo, ou, ainda mais para oeste, a ponta mais meridional do Hawai e, para leste, o porto de Tzuc Cox, situado na costa atlântica do Iucatão, perto da fronteira das Honduras Britânicas e, finalmente, muito mais para leste, na baía de Bengala, a cidade indiana de Juggernaut.

As muralhas da cidade, que se encontra edificada numa encosta, são altas; as ruas e os becos, tortuosos e arruinados; as ruas, coleantes. Possui uma bela estrada de tipo americano, que vem do norte e acaba por se perder em ruas estreitas, degenerando finalmente num verdadeiro caminho de cabras. Quauhnahuac possui dezoito igrejas e cinquenta e sete bares. Também se orgulha do seu campo de golfe e de nada menos do que quatrocentas piscinas, quer públicas, quer particulares, de água incessantemente renovada pelas reservas das montanhas e, além disso, de muitos e esplêndidos hotéis.

O *Hotel Casino de la Selva* assenta numa encosta um pouco mais elevada, que se ergue logo à saída da cidade e perto da estação dos caminhos-de-ferro. Bastante afastado da estrada principal, encontra-se rodeado de jardins e de terraços, dos quais se avista, em toda a volta, um extensíssimo panorama. Apesar de ser um autêntico palácio, para à sua volta um certo ar de desolado esplendor. É que deixou de ser casino. É possível até que ninguém se lembre de ir ali jogar os dados, a ver quem pagará uma bebida no bar. Dir-se-ia que ainda erram por ali fantasmas de jogadores arruinados. E quase se não vê ninguém nadar na sua majestosa piscina olímpica. As pranchas erguem-se no ar, solitárias e melancólicas. Nos seus campos de pelota basca, desertos, a erva cresce desordenadamente. E os seus dois campos de ténis só durante a estação funcionam.

Ao cair do crepúsculo do Dia de Finados desse Novembro de 1939, dois homens vestidos de flanela branca bebiam anis, sentados no terraço principal do Casino. Depois do ténis, haviam jogado o bilhar, e as raquetas de ambos, protegidas por capas impermeáveis e apertadas nos seus caixilhos — triangular o do médico, quadrado o do outro — jaziam no parapeito em frente de ambos. À medida que as procissões vindas dos cemitérios desciam a colina, num movimento serpentino e se aproximavam do hotel, os sons planagentes dos cânticos iam soando com mais insistência aos ouvidos dos dois homens, que se voltaram a observar os doridos. Estes só se tornaram visíveis mais tarde, quando as melancólicas luzes das suas velas, serpenteando à distância, projectaram os seus clarões sobre os distantes pés de milho. O Dr. Arturo Díaz Vigil empurrou a garrafa de *Anís del Mono* na direcção de Jacques Laruelle, que, naquele momento, se inclinava para a frente, num movimento de viva atenção.

Para as bandas do Oriente, e um tanto abaixo deles, sob o esplendor da tarde profundamente rubra e cujos reflexos incendiavam as piscinas, como se estas não passassem de miragens, um grande hálito de paz e de doçura envolvia a cidade. Do ponto em que eles se encontravam, tudo parecia de uma tranquilidade satisfatória. Contudo, se alguém apurasse finamente o ouvido, como naquele momento o fazia Laruelle, poderia aperceber-se de um rumor confuso e longínquo, distinto ainda assim, conquanto de certo modo indissociável do subtil murmurar, do tinir das campainhas dos doridos — de cantos e de risos, que subissem e descessem no ar e de um firme estrondear de passos apressados — eram os clamores e os gritos provocados pela *fiesta*, que durara todo o dia.

Laruelle serviu-se de mais um anis, que bebia pelo facto de este lhe lembrar o absinto. No rosto acendera-se-lhe uma intensa vermelhidão; as mãos tremeram-lhe ligeiramente ao segurar a garrafa, em cujo rótulo um demónio rubicundo brandia um tridente na direcção do bebedor.

— A minha intenção era persuadi-lo a sair daqui, a fim de proceder a uma cura de desintoxicação — disse o Dr. Vigil, num francês hesitante. — Mas eu próprio me sentia tão mal no dia seguinte ao do baile, que — creia — ainda agora me ressinto fisicamente disso, o que é péssimo, visto que nós, os médicos, temos necessidade de nos comportarmos como se fôssemos apóstolos. Lembra-se? Nesse dia, também jogámos ténis. Bem, depois de ter ido ver o Cônsul ao jardim da casa dele, mandei-lhe recado por um rapaz, a dizer-lhe que lhe agradeceria se quisesse bater à minha porta e estar uns momentos comigo; se não, que me escrevesse um bilhete, caso a bebida ainda não tivesse acabado com ele.

Laruelle sorriu.

— Mas eles foram-se — prosseguiu o outro — e, sim, também tencionava perguntar-lhe, a si, nesse dia, se o tinha ido ver a casa.

— Quando você telefonou, Arturo, estava ele em minha casa.

— Oh, bem sei, mas nós tínhamo-nos embebedado de tal maneira, na noite anterior! Tinha sido uma borracheira tão completa, que suponho que o Cônsul estava tão doente como eu. — O Dr. Vigil abanou a cabeça. — E esse mal-estar não é apenas físico; atinge também essa região a que se costuma dar o nome de alma. Coitado do seu amigo! Deu cabo do seu dinheiro neste mundo a forjar tragédias constantes!

Laruelle bebeu até ao fim o que tinha no copo. Ergueu-se e foi até ao papeito. Poisando as duas mãos na sua raqueta, olhou para baixo, abrangendo circularmente os campos desertos de pelota basca, os baluartes revestidos de ervas, os campos de ténis esquecidos, a fonte que murmurava perto do centro da avenida do hotel, onde um cultivador de cactos levava o cavalo a beber. Dois jovens americanos — um rapaz e uma rapariga — haviam começado tardiamente com um jogo de pingue-pongue, na varanda do anexo, que se avistava um pouco mais abaixo. O que acontecera, fazia precisamente um ano nesse dia, parecia-lhe, naquele momento, pertencer já a uma era diferente. Era-se levado a crer que os horrores do presente deviam ter engolido esses factos passados como se de uma gota de água se tratasse. Mas tal não acontecera. Embora a tragédia se encontrasse em vias de se transformar numa coisa irreal e sem sentido, era lícito evocar os dias em que a existência individual possuía ainda um certo valor, em vez de se encontrar reduzida a um mero erro de impressão num comunicado. Acendeu um cigarro. À sua esquerda longínqua, para os lados do nordeste, e para lá do vale e das faldas em terraço da *Sierra Madre Oriental*, erguiam-se, nítidos e magníficos, à luz do sol-pôr — os dois vulcões — o Popocatepelt e o Ixtaccihuatl. Mais para lá, talvez a uma distância de dez milhas e num nível inferior ao do vale principal, distinguiu a aldeia de Tomalín, aninhada por detrás da floresta, da qual se desprendia um delgado véu de fumo azul e ilícito. Alguém andaria certamente a queimar madeira para fazer carvão. Na sua frente, do outro lado da estrada americana, espraavam-se os campos e os bosques, através dos quais serpenteavam o rio e a estrada para Alcapancingo. A torre de vigia de uma prisão erguia-se acima de um bosque, entre o rio e a estrada, a qual se ia perder mais longe, em certo ponto onde colinas purpúreas de um paraíso de Doré morriam à distância. Sobre o aglomerado populacional, as luzes do cinema único de Quauhnhuac, cidade que se erguia num terreno inclinado, acenderam-se crua e bruscamente, morreram para de novo fulgurarem. «— *No se puede vivir sin amar*» — disse Laruelle — como aquele estúpido mandou gravar na minha casa.

— Vamos, amigo, não pense mais nisso — disse, por detrás dele, o Dr. Vigil.

— Mas, *hombre*, a Yvonne voltou! Eis uma coisa que eu nunca serei capaz de compreender. Voltou para aquele homem! — Laruelle aproximou-se

novamente da mesa, indo servir-se de um copo de água mineral de Tehuacan e acrescentou: — *Salud y pesetas*.

— *Y tiempo para gastarlas* — replicou distraidamente o amigo.

Laruelle pôs-se a considerar o médico, que se recostara na cadeira de repouso, bocejando. Foi-lhe estudando o rosto mexicano e belo, absurdamente belo, moreno e imperturbável, os olhos castanhos, fundos, repletos de bondade e, além disso, inocentes como os daquelas lindas e melancólicas crianças de Oaxaca, que se vêem em Tehuantepec — esse lugar ideal onde as mulheres trabalham, enquanto os homens não fazem outra coisa que não seja banharem-se no rio o dia inteiro — as mãos delgadas e pequenas e os pulsos delicados. As costas das mesmas, salpicadas de pêlos negros e fortes, quase o deixaram escandalizado pela violência do contraste que estabeleciam.

— Há muito tempo que deixei de me preocupar com o caso, Arturo — disse em inglês, tirando o cigarro da boca, com dedos nervosos e requintados que ele conscientemente sobrecarregava de anéis — o que eu acho mais...

Laruelle verificou que se lhe tinha apagado o cigarro e serviu-se de outro cálice de anis.

— *Con permiso*. — O Dr. Vigil apresentou-lhe um isqueiro, que pôs a funcionar com tamanha rapidez que deu a impressão de o ter extraído já aceso de dentro do bolso — gesto e chama brotaram quase instantaneamente. — Nunca foi à igreja rezar pelos desamparados daqui — perguntou-lhe bruscamente —, àquela igreja da Virgem que intercede pelos que não têm ninguém?

Laruelle abanou a cabeça.

— Ninguém lá vai. Só aqueles que não têm ninguém — murmurou o médico lentamente. Guardou o isqueiro; depois, consultou o relógio, virando o pulso para cima, com um gesto desenvolto. — *Allons-nous-en* — acrescentou — *vámonos*. — Riu, bocejou, esboçou uma série de acenos de cabeça, que deram a ilusão de lhe projectarem o corpo para a frente, até que a cabeça lhe descansou nas mãos. Depois, erguendo-se, foi juntar-se, no parapeito do terraço, a Laruelle, e ali se pôs a praticar uma série de inspirações profundas. — Ah, esta é a hora de que eu gosto, quando o Sol desce, os homens começam a cantar e todos os cães a rapinar por aí...

Laruelle pôs-se a rir. À medida que eles conversavam, o céu fora-se carregando, e acabara por se tornar tempestuoso para as bandas do Sul; os doridos haviam já desertado a encosta do monte. Como que entorpecidos, lá no alto, os abutres voavam ao sabor do vento.

— Lá para as oito e meia, sou capaz de ir passar uma hora ao cinema.

— *Bueno*. Esta noite vou ter consigo ao sítio que sabe. E lembre-se que eu não acredito que você se vá embora amanhã. — Estendeu-lhe a mão, que

Laruelle apertou com firmeza e afecto. — Veja se pode ir esta noite; se não, faça o favor de acreditar que eu continuo sempre interessado na sua saúde.

— *Hasta la vista.*

— *Hasta la vista.*

Só, de pé, junto da estrada que descera de carro havia quatro anos, na última fase dessa comprida, louca e bela jornada, que empreendera, partindo de Los Angeles, também Laruelle dificilmente acreditava na eventualidade de partir no dia seguinte. Depois, esse pensamento do dia seguinte parecia-lhe verdadeiramente catastrófico. Parou, indeciso, sem saber por que lado haveria de ir para casa, quando o pequeno autocarro superlotado da carreira Tomalín-Zócalo passou por ele, descendo direito ao barranco, antes de iniciar a subida para Quauhnahuac. Aborrecia-o tomar naquela tarde a mesma direcção. Atravessou a estrada direito à estação. Embora não tencionasse ir de comboio, a ideia da partida iminente penetrou-o de novo com intensidade, quando, evitando infantilmente as passagens fechadas, se pôs a caminhar pela via reduzida. A luz do sol-poente brilhava para além dos tanques de petróleo que se encontravam do outro lado do aterro coberto de relva. O cais dormia. Os carris estavam desertos; os sinais, levantados. Quase nada ali poderia levar ao convencimento de alguma vez chegarem comboios àquela estação, quanto mais partirem:

## QUAUHNAHUAC

Contudo, aquele local fora, havia menos de um ano, testemunha de uma partida que ele jamais haveria de esquecer. Quando do primeiro encontro, não havia simpatizado com o meio-irmão do Cônsul, na altura em que aquele entrara com este e com Yvonne na casa de Laruelle, na *Calle Nicaragua*, tal como — sentia-o agora — Hugh o não apreciara também. O aspecto singular do rapaz — embora tal fosse o poder dominador de tornar a ver Yvonne que nem sequer recebera uma impressão de singularidade tão forte que lhe permitisse reconhecê-lo mais tarde e imediatamente em Parián — parecera-lhe simplesmente a caricatura da descrição, meio amável, meio amarga, que dele o Cônsul lhe havia feito. Então, era aquele o garoto em que Laruelle se lembrava vagamente de ter ouvido falar havia uns anos? Em meia hora, libertara-se dele, como de um maçador irresponsável, de um marxista de trazer por casa, presunçoso e cheio de si, mas que se dava ares de romântico extrovertido, enquanto Hugh, que, por várias razões, não fora certamente «preparado» pelo Cônsul para aquele encontro com Laruelle, o devia ter indubitavelmente considerado como pertencente a um tipo ainda mais precioso: uma espécie de esteta maduro, um solteirão inveteradamente promíscuo, com uma maneira bastante untuosa e autoritária de lidar com